

O capitalismo e os velhinhos

17 JUN 1996

J.O. de Meira Penna

JORNAL DA TARDE

Em seu *Essay Concerning Human Understanding* (1689), salientou John Locke, o primeiro grande teórico da sociedade liberal, que os triunfos da Ciência e da Tecnologia — praticamente monopólio desta sociedade — trouxeram mais benefícios para a humanidade do que os monumentos de exemplar caridade daqueles que, na Idade Média, fundaram hospitais ou abrigos de desamparados. Na minha mocidade ainda se identificava os hospitais como “Santas Casas de Misericórdia”, as enfermeiras como “irmãs de caridade” e os médicos como homens que tratam dos corpos como os sacerdotes que tratam das almas. A Revolução Industrial capitalista mudou tudo isso. Empalidece a caridade quando comparada com os benefícios que a Ciência e o progresso trouxeram à humanidade sofredora, por meio da iniciativa privada. Alguém se dá conta dos milhões e milhões de vidas humanas salvas pelos medicamentos fabricados, digamos, pela Bayer, Sandoz ou Merck — grandes empresas que financiam a pesquisa, produzem e distribuem pelo mundo os medicamentos que permitiram a elevação da expectativa média de vida de 35 anos para os atuais 70 ou 75 anos? Foi o próprio Marx quem primeiro reconheceu o sucesso espantoso do que chama o “período burguês da História” quando, num artigo do *New York Daily Tribune*, de 8/8/1853, exaltou o “desenvolvimento dos poderes produtivos do homem e a transformação da produção material num domínio científico das agências da natureza”. Permito-me lembrar esses fatos porque, diante de vários episódios recentes, escandalosos, de mortes de pacientes em hospitais e abrigos, um coro ensurdecedor de hipócritas, demagogos e cães furiosos da *dezinformatsiya* colocou



O PRÓPRIO MARX FOI QUEM
PRIMEIRO RECONHECEU O SUCESSO
ESPANTOSO DO QUE CHAMA DE
“PERÍODO BURGUEÊS DA HISTÓRIA”

a culpa do ocorrido na “cobiça materialista” do sistema de mercado liberal.

Acontece que a Medicina está encarecendo muito mais rapidamente do que o crescimento dos PIBs. Hoje, só os países ricos, com economia de mercado, podem arcar com as despesas acarretadas pela saúde. A Medicina nas nações ex-comunistas foi um desastre total. Na década dos 80, a expectativa de vida estava decrescendo na URSS. Leiam o que nos descreve Solshenitzyn em sua obra *Ala dos Cancerosos!* Fui testemunha na Polónia do que ocorria: até mesmo meu dentista pedia que, cada vez que minha mulher viajasse a Berlim (Occidental) para fazer compras, lhe trouxesse material odontológico. A Medicina socializada compensa seus fracassos, como em Cuba, por uma bem orquestrada propaganda que é amplamente capaz de iludir e entusiasmar nossos tupiniquins. Na Grã-Bretanha, Ralph Harris publicou, pelo Institute of Economic Affairs de Londres, um *paper* em que demonstra o fracasso total do *Welfare*, o “Estado de Bem-Es-

tar” que fora montado como paradigma pelo Partido Trabalhista. A solução proposta pelo eminente lorde inglês segue o exemplo suíço, em que se combina sabiamente a ajuda genuína aos indigentes, macróbios e incapazes com a responsabilidade familiar, seguros, empréstimos e apoio caritativo ao nível da comunidade municipal — ou seja a generalização do conceito de auto-ajuda, limitando a Medicina gratuita aos casos de indigência comprovada. Seria interessante se o grande médico que dirige a saúde nacional pensasse um pouco mais nisso e um pouco menos em temas em que não tem competência, prejudicando os planos imprescindíveis de reforma tributária.

É preciso que as pessoas honestas se dêem conta (após leitura atenta da nova *Antologia* de Roberto Campos sobre o bom senso) que as instituições hospitalares desastrosas em nossa terra são mantidas com subsídios miseráveis do “Poder Público”, grande parte do dinheiro escapando em inacreditável corrupção, dispendência e impunidade (vícios nacio-

nais). Estas minhas considerações vêm à baila em reação a dois entre os inúmeros artigos de crítica lidos em nossa imprensa sobre o escândalo do Santa Genoveva e da hemodíalise de Caruaru. Num deles, nesta folha a 7 do corrente, o autor, sombrio, ressentido e preconceituoso como de costume, parece-me um discípulo de Rousseau, pois não deixa de citar o terrorista-mór da Revolução Francesa, Robespierre — achando que o homem é bom samaritano por natureza e nunca deixará velhinhos morrer à míngua. E se há uma aberração, equiparada aos fornos de Auschwitz, a culpa só pode ser das instituições — no caso, a instituição do mercado capitalista. Outro artigo, de 5 do corrente em *O Globo*, é de autoria de um ex-presidente da República que carregou de uma única vez cento e tantos de seus amigos desconhecidos a uma cidade desconhecida da França, para receber um prêmio literário desconhecido, sendo que o dinheiro gasto no vôo-da-alegria teria sido mais do que suficiente para luxuosamente guarnecer abrigos de velhice por todo o País. O homem do Plano Cruzado cita o obsoleto economista John Galbraith para denunciar a “injustiça social” e acusar a sociedade em vias de globalização de colocar o bem-estar material acima de qualquer outro valor humano. Ora, a sociedade que sabe tratar de seus doentes e velhinhos é a do Primeiro Mundo e não a de Caruaru, São José do Pericumã ou São Luiz do Maranhão.

Repito uma citação latina recente do Exmo. sr. presidente F.H. Cardoso: *De te fabula narratur* — esta história te concerne...

J.O. de Meira Penna é
embaixador, escritor e presidente do
Instituto Liberal de Brasília